



JESUS

A VIDA
DE JESUS

EDITADO POR Área Departamental de Evangelismo, Escola Sabatina e Ministérios Pessoais da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

DISTRIBUÍDO POR Publicadora SerVir, S.A.
Rua da Serra, 1 – Sabugo,
2715-398 Almargem do Bispo
Portugal

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTO: Redação Publicadora SerVir

IMAGEM DA CAPA stock.adobe.com

1ª EDIÇÃO EM PORTUGAL

TIRAGEM

IMPRESSÃO

Reservados todos os direitos. Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro (texto, imagens e maquete) nem o seu tratamento informático, nem a transmissão de nenhuma forma ou por qualquer meio, seja eletrónico, mecânico, por fotocópia, gravação ou outros meios, sem a autorização prévia e por escrito dos titulares do *Copyright*.

ISBN

DEPÓSITO LEGAL

ÍNDICE

1.	O BATISMO DE JESUS	07
2.	A TENTAÇÃO DE JESUS	09
3.	A PRIMEIRA TENTAÇÃO	12
4.	A SEGUNDA TENTAÇÃO	15
5.	A TERCEIRA TENTAÇÃO	18
6.	QUEM É JESUS?	21
7.	JESUS E O SÁBADO	24
8.	MINISTÉRIO INCLUSIVO	27
9.	JESUS E A ORAÇÃO	30
10.	A ORAÇÃO MODELO	32
11.	A MISSÃO DE JESUS	35
12.	JESUS, O GRANDE MESTRE	38
13.	MOMENTOS FINAIS DE JESUS	41

PROGRAMA

As quatro etapas de um pequeno grupo relacional:

CONFRATERNIZAÇÃO

Receção, colocar a conversa em dia e quebra-gelo.

ADORAÇÃO

Louvor, oração, meditação, testemunhos e estudo.

ESTUDO COMPARADO DA BÍBLIA

Ênfase na aplicação do texto à vida pessoal.

TESTEMUNHO

Planeamento evangelístico do grupo, oração intercessória, duplas missionárias.

IDEAIS DO GRUPO

1. Nome do grupo: _____
2. O nosso lema: _____
3. A nossa oração: _____
4. Hino oficial: _____
5. A nossa bandeira: _____
6. O nosso texto bíblico: _____

APRESENTAÇÃO

Os pequenos grupos são uma estrutura indispensável para o crescimento harmonioso da Igreja. Fazer parte de uma comunidade relacional não é apenas um privilégio, mas uma necessidade para que os Cristãos vivenciem os valores do Reino. Os PGs são essenciais para o pastoreio, o discipulado dos novos conversos, a formação de líderes e o desenvolvimento dos dons espirituais.

Esta série de lições foi preparada para que cada participante dos pequenos grupos desfrute de temas variados, por meio de uma linguagem relacional. O conteúdo deste material pretende ajudar os membros da Igreja a crescerem em três áreas essenciais da vida de um discípulo: comunhão, relacionamento e missão.

O nosso desejo é que este material contribua para uma vida de alegria em Cristo, promovendo profundas reflexões e também as mudanças necessárias para o verdadeiro discipulado.

QUEBRA-GELO

“E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.” (Lucas 3:21 e 22.)

INTRODUÇÃO

O início do ministério público de Jesus foi marcado pelo Seu batismo.

Texto para estudo: Lucas 3:21 e 22.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

Para João Batista, muitos dos fariseus não eram adequados para receber o batismo; no caso de Jesus, era o batismo que não Lhe era adequado (Mat. 3:13-17). Porque foi Jesus batizado?

1. Para ser o nosso representante perfeito, o nosso substituto.
2. Para ser o nosso exemplo perfeito.
3. Para cumprir a profecia de Daniel 9, das 70 semanas de Daniel, que anunciou a revelação de Jesus como o Messias prometido e o início do Seu ministério. “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mat. 3:16 e 17).

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Três importantes fatores se destacam com relação ao batismo de Jesus:

- A proclamação de João Batista: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Joa. 1:29.)
- A unção de Jesus pelo Espírito Santo para a missão que Ele tinha pela frente.
- A proclamação celestial de que Jesus é o Filho de Deus, em Quem o Pai Se compraz.

III. APLICANDO O TEXTO

O batismo de Jesus:

- Não foi um batismo de arrependimento (At. 2:38).
- O Seu batismo não pretendia ser apenas um exemplo para os outros. Pois, n’Ele, Jesus recebeu verdadeiramente, e de modo especial, o poder do Espírito Santo para cumprir a Sua missão.

Discuta em grupo: Como foi o seu batismo? O que mudou na sua vida?

Para pensar: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mat. 3:16 e 17). Esta frase pertence a todo o crente que é batizado.

A TENTAÇÃO DE JESUS

2

QUEBRA-GELO

“Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado pelo diabo. Nada comeu naqueles dias, ao fim dos quais teve fome.” (Lucas 4:1 e 2.)

INTRODUÇÃO

O deserto na Bíblia é um lugar de encontro com Deus, de preparação para uma missão importante dada por Ele. Abraão, antes de começar a sua jornada, passou pelo deserto; Moisés passou pelo deserto; o povo de Israel, antes de entrar na terra prometida, passou 40 anos no deserto; Paulo, antes de começar a sua missão de pregar o Evangelho, passou pelo deserto da Arábia; e até a Igreja de Apocalipse 12 passa 1260 dias proféticos no deserto, antes de entrar na Nova Jerusalém. Com Jesus não seria diferente; antes de começar a Sua missão, Ele enfrenta o diabo no deserto.

Texto para estudo: Lucas 4:1 e 2.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

- Ninguém está livre de tentações.
- Quando Deus permite que as tentações nos sobrevenham, também provê graça para lhes resistirmos e força para as vencermos.
- As tentações não vêm da mesma maneira todas as vezes.
- Ninguém é tentado além do que é capaz de suportar (I Cor. 10:13).

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Apesar das semelhanças, há diferenças gritantes entre a tentação de Cristo no deserto e a tentação no Éden:

1. Jesus estava faminto no deserto; Adão e Eva estavam fartos num belo jardim.
2. No jardim, o homem perfeito, num mundo perfeito, caiu. No deserto, o homem perfeito, num mundo imperfeito, venceu.
3. Jesus estava só; no jardim, eles eram um casal e poderiam ter-se ajudado mutuamente.
4. Jesus era um ser humano na condição caída (afetado, não infetado pelo pecado), mortal, sujeito a fraquezas; Adão e Eva eram perfeitos, sem as condições aviltantes do pecado.
5. Jesus deveria reconquistar a Terra; Adão e Eva possuíam o poder sobre ela.
6. Jesus estava na condição mais degradada possível na Terra, ou seja, faminto e fraco ao extremo, no limite da vida e da capacidade de raciocínio, tanto que, ao afastar-se d'Ele Satanás, os anjos imediatamente vieram para O socorrer, ou Ele morreria logo em seguida; Adão e Eva estavam na condição mais elevada possível de uma criatura.

De facto, Adão foi derrotado no paraíso, enquanto Cristo foi vitorioso no deserto.

III. APLICANDO O TEXTO

É interessante destacar que não foram só três as tentações no deserto. Estas foram as últimas e decisivas, no 40º dia. Durante esse período, Lúcifer, em pessoa, tentava Jesus feroz e continuamente.

Discuta em grupo: Embora o fim do caminho fosse glorioso, como a voz do Céu no batismo o atestou, Jesus não chegaria a ele sem passar pelo deserto da tentação. Ele foi do Jordão para o deserto, das águas para a sequeidão, mas, acima de tudo, da tentação para a vitória.

Para pensar: O tentador ataca-nos sempre nos momentos de maior fraqueza. Trabalhar de mais, não se exercitar, comer de mais, ter uma dieta pobre, dormir mal ou qualquer outra coisa que diminua a percepção intelectual e o controlo emocional, tendem a abrir o caminho para o maligno. Abrigar pensamentos de desânimo, derrota ou ressentimento terá o mesmo efeito. “Satanás viu que, ou venceria, ou seria vencido. Os resultados do conflito envolviam demasiado para ser confiado a qualquer dos seus anjos. Ele próprio devia dirigir o conflito” (Ellen G. White, *DTN*, p. 87, ed. PSeVir).

QUEBRA-GELO

“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome.” (Mateus 4:1 e 2.)

INTRODUÇÃO

As traduções bíblicas dão a impressão de que Jesus foi levado pelo Espírito Santo ao deserto para que fosse tentado pelo diabo (Mat. 4:1; Luc. 4:1), contudo, essa não é a única tradução possível. O verbo grego presente pode, de facto, expressar propósito, mas também pode expressar resultado. Por outras palavras, Jesus não foi ao deserto para ser tentado pelo diabo, mas o facto de Ele estar ali resultou na tentação apresentada (não importando qual tenha sido o propósito da Sua ida para aquele local). Em conformidade com essa ideia, Ellen G. White disse: “Não convidou a tentação. Foi para o deserto para estar sozinho e poder meditar na Sua missão e obra. Com jejum e oração devia fortalecer-Se para a sangrenta vereda que tinha de percorrer” (DTN, p. 85, ed. P. SerVir).

Texto para estudo: Mateus 4:1 e 2.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

1. O adversário tentou Jesus, isso indica que Ele poderia cair.
2. “No deserto da tentação, Satanás apareceu a Cristo como um anjo vindo das cortes de Deus” (*Review and Herald*, 22/07/1909).
3. Não é porque a pessoa está cheia do Espírito que não será tentada, muito pelo contrário.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

A primeira tentação está relacionada com a condescendência com o apetite e a concupiscência da carne: “Exatamente onde começara a ruína, deveria começar a obra da nossa redenção” (Ellen G. White, *DTN*, p. 88, ed. P. SerVir).

4. A primeira tentação tem paralelos com o Êxodo:
 1. Os Israelitas passaram pelas águas do Mar Vermelho; Jesus passou pelas águas do batismo.
 2. Os Israelitas entraram no deserto, onde não tinham pão; Jesus foi para o deserto, onde não comeu nada.
 3. Os Israelitas ficaram no deserto durante 40 anos; Jesus foi provado durante 40 dias.
 4. Era legítimo Jesus satisfazer a Sua fome, mas Ele não podia usar meios ilegítimos para isso. Deus tinha planejado que Jesus vivesse como o Homem deve viver e vencer a tentação, exatamente onde Adão caíra, e nas condições ao alcance do Homem.

III. APLICANDO O TEXTO

A tentação parecia razoável. Um homem “tem que comer”. Muitas pessoas sentem que as necessidades pessoais as isentam da responsabilidade de obedecerem às leis de Deus. A especialidade de Satanás é seduzir, fazendo o errado parecer certo. Mas, até coisas boas, quando sugeridas pelo inimigo, devem ser rejeitadas. As grandes tentações na vida estão relacionadas com fazer as coisas certas, mas na hora errada e da maneira errada. Satanás usou a circunstância como isca. O ponto crucial da tentação encontra-se na sua introdução: “Se és o Filho de Deus.” Apenas 40 dias antes, a voz do Céu tinha atestado que Jesus era, de facto, o Filho de Deus; e então, Jesus duvidaria da certeza dada pelo Céu? Duvidar da Palavra de Deus é o primeiro passo para ceder à tentação.

Discuta em grupo: Jesus foi tentado a agir independentemente do Pai. Abraão, no seu caso com Agar, caiu nessa mesma tentação, e alguns dos resultados modernos disso são o horror do estado islâmico, o desastre no *World Trade Center*, os massacres de Saddam Hussein, os refugiados da Síria, porque tudo isso tem ligação com os descendentes de Abraão e Agar. De entre os países mais difíceis de se pregar o Evangelho no mundo destacam-se os que são descendentes de Ismael.

Para pensar: É pelo alimento que muitos de nós somos apanhados por Satanás.

QUEBRA-GELO

“Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: eles te susterrão nas suas mãos, para não troçares nalguma pedra.” (Mateus 4:5 e 6.)

INTRODUÇÃO

Jesus foi levado fisicamente ao telhado do templo, que era um lugar muito sagrado. Havia uma tradição judaica que dizia que, quando o Messias viesse, Ele colocaria os pés sobre o telhado do templo. Parecia que tudo fazia sentido; parecia que Satanás estava a levar Jesus a cumprir a profecia. Agora, o diabo colocou na cabeça de Jesus: “Tu não estás com vestes apropriadas para estar aqui; Tu ainda não és um Sumo-Sacerdote; Tu não és da tribo de Levi, hoje não é o dia da expiação.” Ou seja:

1. Tu és a pessoa errada;
2. No lugar errado;
3. Da forma errada.

“Vou fazer uma sugestão, para que pares de profanar o santuário de Deus: ‘Se és o Filho de Deus, atira-te abaixo’” (Mat. 4:6).

Texto para estudo: Mateus 4:5 e 6.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

1. Satanás é versátil. Jesus venceu numa área; então o diabo mudou-se para outra. Temos que estar sempre de guarda (I Pedro 5:8).
2. No batismo, Jesus ouvira que era Filho de Deus; porque duvidar!?
3. “...sabendo que O não podia lançar; pois Deus Se interporia para O livrar. Nem poderia forçar Jesus a lançar-Se. A não ser que Cristo consentisse na tentação, não poderia ser vencido. [...] O tentador nunca nos poderá obrigar a praticar o mal. Não pode dominar as mentes, a não ser que se submetam ao seu domínio. A vontade tem que consentir, a fé largar a sua segurança em Cristo, antes de Satanás poder exercer o seu domínio sobre nós” (Ellen G. White, *DTN*, p. 95, ed. P. SerVir). A tentação nunca é superior à força que Deus nos dá. O inimigo é limitado ao nosso arbítrio.
4. “Não devemos esperar que Deus nos resgate quando, sem necessidade, nos precipitamos para o perigo. A maturidade na fé levar-nos-á a viver em harmonia com o que Deus já nos revelou e, então, a confiar n’Ele quanto ao restante” (*SDABAC*, v. 5, p. 322).

II. INTERPRETANDO O TEXTO

“Porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: eles te susterrão nas suas mãos, para não troçares nalguma pedra” (Mat. 4:6).

1. Jesus tinha replicado à tentação anterior dizendo que confiava em cada palavra do Senhor. Aqui, Satanás está a dizer: “Bem, se confias tanto em Deus, então experimenta-O. Verifica o sistema e vê se Ele realmente cuidará de Ti.” E Satanás confirmou a tentação com um trecho das Escrituras.
2. “Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos” (Sal. 91:11). Satanás apresentou as palavras de Deus, mas omitiu as palavras “em todos os teus caminhos”, isto é; em todos os caminhos da escolha de Deus. Jesus recusou-Se a sair da vereda da obediência. Não forçaria o Pai a vir em Seu socorro, deixando assim de nos dar um exemplo de confiança e submissão. Jesus nunca operou um milagre em Seu próprio favor. As Suas maravilhosas obras foram todas para o bem dos outros.

3. “E Satanás estava a incitar Cristo a ... pedir aquilo que Deus não tinha prometido” (Ellen G. White, *DTN*, p. 96, ed. P. SerVir).

4. Nesta segunda tentação, sobressai o aspeto da presunção. A soberba da vida.

III. APLICANDO O TEXTO

O diabo cometeu três enganos:

1. Não tomou todas as Escrituras.
2. Usou a passagem fora do contexto. O Salmo 91 conforta o homem que confia e depende do Senhor. Ao homem que sente necessidade de testar o Senhor nada é prometido aqui.
3. Usou uma passagem figurada, literalmente. No contexto, o ponto não era uma proteção física, mas espiritual.

Discuta em grupo: Como enfrentamos esta tentação hoje: Quando somos tentados a expor-nos desnecessariamente em situações perigosas, mesmo por uma causa justa; ou quando nos recusamos a seguir as recomendações médicas; ou quando esperamos que Deus nos abençoe nos nossos estudos, mesmo quando não nos esforçamos; ou quando oramos sem viver a oração; ou quando esperamos que Deus resolva os nossos problemas quando Deus não prometeu resolvê-los todos.

Para pensar: “Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Mat. 4:7).

QUEBRA-GELO

“Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.” (Mateus 4:8 e 9.)

INTRODUÇÃO

No Antigo Testamento, o monte é o lugar da presença de Deus. Os Dez Mandamentos foram dados no monte. Elias venceu os profetas falsos no monte; Lúcifer disse: “subirei ao monte” (Isa. 14); o Salmista diz: “elevo os olhos para o monte” (Sal. 121); e; do topo de uma montanha, Moisés viu a terra prometida, como ela viria a ser.

Texto para estudo: Mateus 4:8 e 9.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

1. Nesta tentação, o diabo revelou-se, ele propôs o lado mais fácil. Coroa sem cruz.
2. A terceira tentação foi um desafio direto ao próprio Cristo, à Sua realeza e à Sua missão suprema na Terra.
3. “Essa grande tentação compreendia o amor do mundo, a ambição do poder, a soberba da vida e tudo o que possa afastar o Homem de servir e adorar Deus” (Ellen G. White, VJ, p. 22).
4. O centro de toda a controvérsia é a adoração.
5. Satanás exibiu tudo no seu melhor aspeto. Ele mostrou as riquezas e o *glamour*, não o crime, o sofrimento e a injustiça.
6. Da mesma forma que enganou Adão e Eva, para que desejassem tornar-se como Deus, sendo que eles já possuíam a Sua imagem, Satanás fingiu que era Deus, que era o dono exclusivo das nações do mundo.
7. A questão aqui não era tanto a de Jesus tornar-Se num rei (Deus já Lhe tinha prometido isso no Salmo 2:7-9 e em Gênesis 49:10), mas de como e quando. O diabo ofereceu um atalho, mas a vontade de Deus não conhece atalhos.

8. É possível usar um meio errado e, no fim, conseguir fazer o bem?

9. Satanás daria mesmo o que prometeu? Ele merece confiança?

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Embora seja considerado o príncipe deste mundo, ele roubou a autoridade que Deus dera a Adão para governar a Terra. Quem, na verdade, tem poder é Deus. O mundo não é de Satanás. Da mesma maneira, quando Satanás nos promete felicidade, lembremo-nos de que ele não tem felicidade para nos oferecer. Atrás da melhor publicidade de Satanás vem sempre uma SIDA, uma gravidez indesejada, casamentos infelizes, morte prematura ou morte eterna.

Satanás paga o que for necessário. O diabo ofereceu tudo para “comprar” Jesus. Se houver um preço pelo qual você venha a desobedecer a Deus, pode esperar que o diabo virá pagá-lo. Quanto é que você vale? Receber adoração é uma prerrogativa exclusiva de Deus; esse é o único fator que separa para sempre a criatura do Criador. Uma das questões na rebelião de Lúcifer contra Deus no Céu foi a adoração.

A última batalha entre o bem e o mal fora no Céu: Jesus, o Filho de Deus, contra Lúcifer, o primeiro pecador, no deserto, frente a frente. Jesus, o Filho de Deus e Filho do Homem, contra o diabo. Um encontrava-se ali por orgulho; o Outro, por amor. O diabo jamais imaginara o Filho de Deus ali; afinal, os orgulhosos pensam que todos são como eles. “O facto de o Criador de todos os mundos, o Árbitro de todos os destinos, deixar a Sua glória e Se humilhar por amor do Homem, despertará eternamente a admiração e a adoração do Universo” (Ellen G. White, *GC*, 541, ed. P. SerVir). Aquele que o tinha vencido no Céu, que o tinha expulsado de lá, agora estava em situação inferior ao próprio diabo. Aliás, Jesus encontrava-Se em situação inferior a todo o ser humano, miserável, faminto, à beira da morte. Seria muito fácil dominar Jesus nessa situação. Viria a desforra da derrota anterior. “E Cristo não devia exercer poder divino para o Seu próprio benefício” (Ellen G. White, *DTN*, p. 90, ed. P. SerVir). Desta vez, afigurava-se uma vitória fácil para Satanás. Resultado: o “Príncipe do Céu” defrontou-Se com o príncipe das trevas e ficou definitivamente esclarecido que “ele nada tem em mim” (Joa. 14:30). Adão foi derrotado no paraíso, Cristo foi vitorioso no deserto.

III. APLICANDO O TEXTO

Como enfrentamos esta tentação hoje: Quando somos tentados a mudar a nossa lealdade para com alguma coisa ou alguém no lugar de Deus, simplesmente, por motivo de prazer, honra ou posição no presente. As ofertas de Satanás variam desde o prato, de lentilhas para Esaú até ao trono do Egito, para Moisés.

Discuta em grupo: O deserto estava cheio da teologia da prosperidade: Pão em abundância, glória do mundo e exigência da bênção de Deus.

1. Nas três tentações, Jesus usou a Bíblia como defesa. Para cada tentação existe um “assim diz o Senhor”. Não se enfrenta o inimigo com argumentação ou “achismo”, mas com o “assim diz o Senhor”.

2. Na tentação, geralmente a Bíblia não está nas nossas mãos, mas deve estar no nosso coração.

3. Por trás das derrotas em meio às tentações estão Bíblias fechadas e empoeiradas.

4. O inimigo conhecia a Palavra, mas Jesus vivia a Palavra. Jesus nunca cedeu a uma tentação. Isto significa que Ele sentiu o gosto total de cada tentação de Satanás. “Porque não temos sumo-sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Heb. 4:15).

5. “Se és o Filho de Deus [...] porque está escrito [...]” (Mat. 4:10). Nas duas primeiras tentações, Jesus usou as Escrituras para vencer as provocações de Satanás. Então, na terceira, Satanás fez o mesmo e citou as Escrituras, para testar se Jesus realmente levava a Palavra de Deus a sério.

Para pensar: Jesus ordenou que Satanás se retirasse, e, se fizermos uma comparação com uma antiga história bem conhecida, como José não podia fazer o mesmo que Jesus, retirou-se da cena onde havia uma potencial malignidade (Gén. 39:11 e 12).

Qualquer um de nós pode enfrentar a tentação de comprometer a fé, mesmo que seja em “pequenas coisas”: se o seu emprego, a sua aprovação num exame na Universidade ou a sua promoção requererem transigência com respeito ao Sábado.

Satanás conhecia a Bíblia, mas torceu a sua interpretação. A sua tática foi levar Jesus a colocar Deus à prova. Deus, de facto, prometeu proteção por parte dos Seus anjos, mas somente dentro do contexto da execução da Sua vontade, como no caso de Daniel e dos seus companheiros. Novamente, Jesus, usando as Escrituras, deu uma resposta decisiva a Satanás, declarando que não nos compete pôr Deus à prova (v. 12). O nosso dever é colocarmo-nos nas mãos de Deus e deixar que Ele faça o resto.

QUEBRA-GELO

“Quem dizem as multidões que sou eu? Responderam eles: João Batista, mas outros, Elias; e ainda outros dizem que ressurgiu um dos antigos profetas. Mas vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou? Então, falou Pedro e disse: És o Cristo de Deus.” (Luc. 9:18.)

INTRODUÇÃO

Numa pesquisa feita no *Shopping Brent Cross*, em Londres, Inglaterra, e divulgada pelo jornal *Daily Mirror*, mil jovens foram entrevistados. O questionário foi feito com a pergunta: “Quem é Jesus Cristo?” As opções de resposta eram:

- A) Jogador do *Chelsea*
- B) Filho de Deus
- C) Apresentador de TV
- D) Candidato de um *show* de caloiros
- E) Um astronauta

A primeira opção (Jogador do *Chelsea*) foi eleita por um em cada cinco entrevistados.

Texto para estudo: Lucas 9:18-20.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

No início do segundo século surgiram os Ebionitas, que diziam que Jesus era um mero homem que recebera o Espírito de Cristo no Seu batismo. Os Docetistas, na mesma época, negavam a humanidade de Jesus. Jesus era um fantasma, cujo corpo físico era uma aparência. Depois, vieram os Arianos, que negavam a eternidade de Jesus. Para eles, Jesus era um ser criado e, portanto, subordinado ao Pai. Os Mórmons creem assim. No fim da Idade Média, surgiram os Unitarianos, ensinando que Jesus era apenas um grande filósofo religioso, nem o Messias nem Deus. Os Liberais diziam que Jesus era um vidente, um mártir.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Quem é, de facto, Jesus Cristo?

Títulos atribuídos a Jesus nas Escrituras: Profeta, Servo Sofredor, Sumo-Sacerdote, Verbo, Senhor, Mestre, Filho de David, Cordeiro de Deus, Salvador, Lírio dos Vales, Leão da Tribo de Judá, Filho de Deus, Filho do Homem e Cristo (Messias).

1. “Filho de Deus” (Luc. 1:31-35). A expressão “Filho de Deus” é usada para se referir Jesus em mais de 45 passagens do Novo Testamento; e João diz que os Evangelhos foram escritos “para que [creiamos] que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, [tenhamos] vida em seu nome” (Joa. 20:31).

2. “Filho do Homem” (Luc. 5:24; Luc. 6:5). O título “Filho do Homem” é praticamente exclusivo dos Evangelhos. Aparece apenas quatro vezes fora deles (At. 7:56; Heb. 2:6; Apoc. 1:13; 14:14). “Filho do Homem” era a maneira favorita de o nosso Salvador se referir a Si mesmo. Ninguém mais se dirigiu a Ele por esse título. As únicas outras ocorrências do termo estão no discurso de Estêvão (At. 7:56) e em Apocalipse 1:13 e 14:14. O termo aparece mais de 80 vezes nos Evangelhos, 25 vezes em Lucas. O uso que Lucas faz do título mostra o profundo interesse do autor pela humanidade de Jesus, como o Homem universal enviado por Deus para proclamar as boas-novas da salvação.

3. “O Cristo de Deus” (Luc. 9:20). O Cristianismo nunca consiste em saber sobre Jesus; consiste sempre em conhecer Jesus. Cristo exige sempre um veredito pessoal. Ele não perguntou apenas a Pedro, mas pergunta a cada um de nós: “Tu – o que tu pensas de Mim?”

III. APLICANDO O TEXTO

A pergunta direta de Cristo aos discípulos em Lucas 9:20: “Mas vós quem dizeis que Eu sou?”, traz a questão para o âmbito pessoal. A resposta não será achada em livros, em debates, na opinião alheia, nos documentários ou comentários. A resposta sempre estará em nosso coração. E sempre será decisiva. As implicações de nossa resposta só poderão ser medidas apropriadamente pela eternidade. Jesus é o Deus encarnado, o amor encarnado. É tudo o que o Céu tinha a oferecer. É o infinito dentro do finito. É eternidade dentro do tempo. É a única esperança que a humanidade tem para ter esperança. É aquele cujas definições nunca serão suficientes.

Para pensar: Você precisa se decidir. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou é um louco ou algo ainda pior. Você pode calá-Lo por Ele ser um louco, você pode cuspir n’Ele e matá-Lo como um demônio ou ajoelhar-se perante Ele e chamá-Lo de Senhor e Deus. Jesus causou três reações principais nas pessoas com quem teve contato: ódio, terror ou adoração.

Para pensar: Em química, Ele converteu a água em vinho (João 2:1-11).

Em biologia, nasceu sem a concepção normal (Mateus 1:18-25).

Em física, desmentiu a lei da gravidade, quando andou sobre as águas e subiu aos Céus (Marcos 6:49-51).

Em economia, Ele refutou a lei da matemática ao alimentar 5000 pessoas com somente cinco pães e dois peixes; e ainda fazer sobrar doze cestos cheios (Mateus 14:17-21).

Em medicina, curou os enfermos e os cegos sem administrar nenhuma dose de medicamento (Mateus 9:19-22; João 9:1-15).

A história é contada antes DELE e depois DELE, Ele é o PRINCÍPIO e o FIM.

Ele foi chamado Maravilhoso, Conselheiro, Príncipe da Paz, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Isaías 9:6).

A Bíblia diz que ninguém vem ao Pai senão por Ele; Ele é o único caminho (João 14:6). Então... Quem é Ele?

QUEBRA-GELO

“Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler.” (Lucas 4:16.)

INTRODUÇÃO

Há quatro posições adotadas quanto à guarda do Sábado:

1. Os que creem na sua vigência, mas o interpretam como sendo o primeiro dia da semana, por causa da ressurreição (Católicos).
2. Os que creem que ele era apenas para os Judeus (Luteranos).
3. Os que creem que a encarnação de Jesus foi a realização final do sábado bíblico; nisso, o Sábado alcançou o seu cumprimento e já não precisa de ser obedecido pelos Cristãos (Pentecostais e Neopentecostais).
4. Os que defendem a sua perpetuidade (Adventistas).

Texto para estudo: Lucas 4:16.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

Entre as polémicas causadas pelos fariseus e doutores da lei em relação ao Sábado, nunca foi levantada qualquer questão relacionada com a mudança do dia de adoração, mas sempre foi discutida a forma de santificar esse dia. Nos tempos de JESUS, Ele repreendeu o desvio do fanatismo; hoje, o desvio na geral é em direção do liberalismo. A guarda do Sábado envolve dois aspetos importantes:

1. Abstenção do trabalho.
2. Comunhão com Deus.

Descanso sem comunhão pode trazer apenas benefício físico e não espiritual. Por outro lado, a comunhão sem descanso físico também não é completa.

Com relação à atitude correta neste dia, basta uma pergunta simples: levando em conta o que pretendo realizar, quem será beneficiado?

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Se o Sábado fosse apenas uma tradição judaica ultrapassada, Cristo tê-lo-ia indicado, assim, como fez com outras tradições (Mar. 7:3-13). Já que Jesus tinha o costume de ir à igreja todos os sábados, porque não aproveitou esse costume para dizer que qualquer dia serve para adoração? Paulo também teve essa oportunidade e nunca o fez. O facto é que estamos a falar de uma ordem dada na Criação, um mandamento da Lei de Deus, e, para mudar isso, não deveria haver pelo menos um texto na Bíblia a dizer que, a partir de então, se poderia guardar qualquer outro dia?

A única certeza que temos é que em parte alguma da Bíblia encontramos um mandamento ou verso que nos ordene guardar outro dia exceto o Sábado, o sétimo dia da semana.

Na controvérsia com os fariseus, em Lucas 6:1-5, ao afirmar que o “Filho do homem é Senhor até do sábado” (6:5), Jesus elevou a questão a um patamar inacessível aos fariseus. Ele era Deus, o Criador do Sábado, e somente Ele poderia, com perfeição, definir o verdadeiro carácter desse dia.

III. APLICANDO O TEXTO

O Sábado nos lembra:

1. Que há um reino de tempo onde o objetivo não é ter, mas ser; não possuir, mas dar; não controlar, mas partilhar; não subjugar, mas estar de acordo.
 2. Que nós podemos dominar e controlar coisas, mas não podemos controlar o tempo. O Sábado é o tempo que Deus escolheu para nos relacionarmos com Ele. O elemento mais importante no relacionamento é o tempo passado junto.
 3. Sem o Sábado tudo seria labor e suor. Hoje, sacrificamos o tempo para ter as coisas. Deveríamos sacrificar as coisas para ter mais tempo.
 4. Que nós temos uma origem divina, fomos criados à imagem e à semelhança do próprio Deus (Gén. 1:27).
 5. Que somos salvos pela graça. Quando deixo de trabalhar no Sábado, grito que Deus me sustenta. Isso é graça. Ao repousar na presença do Criador, essencialmente estamos a afirmar que a nossa vida depende d'Ele. O mundo valoriza o que você faz; o Sábado é um convite a celebrar o que Deus fez por nós.
 6. Não menos graves do que os males físicos e emocionais da correria insana dos nossos dias são as devastadoras consequências de famílias que se desintegram pela crise dos relacionamentos.
- Assim, o Sábado não é um simples dia de folga, mas fortalece o nosso relacionamento com Deus e com o próximo.
7. Que não somos nós que guardamos o Sábado, mas o Sábado é que nos guarda das insanidades humanas, do consumismo selvagem e do isolamento emocional em que vive atualmente a maioria das pessoas.

Discuta em grupo: Lucas escreveu o seu livro para os Gentios, isto é, para povos não-judeus. Se o Sábado devesse ser mudado para o domingo, ou, se o Sábado era somente para os Judeus e o domingo para os outros povos, então, Lucas não poderia referir-se tantas vezes a esse dia como dia sagrado. Certamente ele já deveria apresentar o domingo nos seus escritos. É significativo que o único autor não-judeu de um Evangelho seja o que mais menciona o tema do Sábado nos Evangelhos. O Evangelho de Lucas é o mais universal de todos no sentido de buscar apresentar o Cristo que não veio apenas para os Judeus.

Para pensar: Se o Sábado foi feito para o Homem e se ele foi feito por causa do Homem, vai durar enquanto o Homem durar. Por isso, a Bíblia afirma: “E será que, desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor” (Isa. 66:23).

QUEBRA-GELO

“E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento.” (Lucas 7:37.)

INTRODUÇÃO

A primeira aprendizagem de todo o HOMEM, normalmente, é com uma MULHER.

No primeiro século, uma das orações dos Judeus era: “Bendito és Tu, o Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um Gentio. Bendito és Tu, o Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste um escravo. Bendito és Tu, o Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste uma mulher.” Naqueles tempos, uma mulher solteira devia obediência ao pai; casada, ao marido; e, viúva, ao filho mais velho.

A vida de uma mulher estava sempre condicionada a um homem, a sociedade era patriarcal e, de certo modo, machista. Na cultura romana, um homem frequentemente tinha uma esposa apenas para produzir filhos legítimos que herdassem a sua propriedade, e possuía concubinas para seu próprio prazer pecaminoso. Na cultura grega, o propósito das mulheres era simplesmente “produzir filhos saudáveis e ser instrumentos de prazer”. Na Palestina, certos rabis chegaram a extremos, declarando “que os ensinamentos da Torá [lei] sejam queimados, mas que não sejam manuseados por mulheres” (y. Sota 3:4). Os Judeus mais ortodoxos de Jerusalém ou de Alexandria mantinham as suas esposas sequestradas no lar. As raparigas deviam evitar até os homens da sua própria família.

Texto para estudo: Lucas 7:37.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

A maioria dos grandes personagens da narrativa bíblica e da proclamação profética são homens, contudo, nenhum outro texto religioso do mundo fez tanto como a Palavra de Deus para libertar as mulheres e proclamar a sua dignidade; vemos isso nos relatos de: Sara, Miriam, Rute, Noemi, Ester, Débora, Maria, Ana, Safira, Priscila, Drusila, Berenice, Tabita, Rode, Lídia, e tantas outras.

Temos um Evangelho, também chamado “O Evangelho das Mulheres” – Lucas.

No sepultamento de Jesus, as mulheres “que tinham vindo com ele da Galileia” (Luc. 23:54-56) estavam envolvidas na preparação do corpo de Cristo.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Dos quinze milagres de cura registrados por Jesus, cinco tocaram a vida de mulheres (Luc. 4:38 e 39; 7:11-17; 8:41-48, 49-56; 13:10-17). 37,5% das pessoas citadas no seu Evangelho são mulheres.

Isabel (Lucas 1:39-45). Mãe de João Batista, uma mulher de fé. Último testemunho, na Bíblia, de uma mulher estéril.

Maria (Lucas 1:28). Mãe de Jesus. A primeira anunciadora da missão do Messias.

Ana (Lucas 2:36). Nem a idade nem o sexo nem o *status* podem obscurecer ou apagar a grande esperança do Salvador vindouro.

A Viúva de Naim (Lucas 7:7-17). A todas as mulheres sofredoras, como aquela viúva anônima, Jesus diz: “Não chores.” Ele tem mais do que compaixão; Ele tem poder para dar fim ao sofrimento. E assim o fará.

Filha de Jairo e a mulher com uma hemorragia (Lucas 8:40-48). Jairo tinha uma filha de doze anos enferma; a mulher com uma hemorragia sofria há doze anos.

Jesus disse “filha” – única vez em que Jesus chama filha a alguém nas Escrituras; qual foi a mensagem para Jairo? “Eu sei o que estás a passar, também tenho filhos.”

Mulher pecadora (Lucas 7:36-50). Simão recebeu Jesus em sua casa; esta mulher recebeu-O no seu coração. Ellen G. White confirma que foi realmente Maria Mada-

lena que ungiu Jesus com perfume no banquete na casa de Simão (*DTN*, p. 474, ed. P. SerVir). Somos informados pela mesma autora de que Maria Madalena era a irmã de Marta e Lázaro (*ibid.*, p. 474 e 475, ed. P. SerVir), e de que ela fora induzida “ao pecado” pelo próprio Simão (*ibid.*, p. 480, ed. P. SerVir).

Marta e Maria (Lucas 10:38-42). “A causa de Cristo necessita obreiros cuidadosos e enérgicos. Existe um vasto campo para as Martas, com o seu zelo no serviço religioso ativo. Mas elas precisam de sentar-se primeiro com Maria aos pés de Jesus” (Ellen G. White, *DTN*, p. 446, ed. P. SerVir).

Viúva (Lucas 18:1-8). Deus não é como o juiz humano da viúva; Ele está atento, mas quer que aprendamos a ser perseverantes e que lutemos.

Por isso, muitas vezes só atende no último instante, como foi o caso de Daniel e dos seus companheiros.

Viúva pobre (Lucas 21:1-4). Esta mulher conhecia o poder provedor de Deus. Naquele tempo não havia Previdência Social, mas sempre houve Previdência Divina.

III. APLICANDO O TEXTO

Aquele “que não esqueceu a Sua mãe, quando suspenso na cruz, em agonia; que apareceu às mulheres em pranto; e que fez delas mensageiras da primeira boa-nova do Salvador ressuscitado – Ele é o melhor Amigo da mulher hoje e está pronto a ajudá-la em todos os aspetos da vida.” (Ellen G. White, *LC*, p. 191 e 192, ed. P. SerVir).

Discuta em grupo: As mulheres foram as últimas a sair de perto da cruz de Cristo (Luc. 23:55 e 56) e as primeiras a testemunhar a tumba vazia, no terceiro dia (Luc. 24:1-7).

Para pensar: Como afirmou Paulo, “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3:28).

QUEBRA-GELO

“Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.” (Lucas 11:9 e 10.)

INTRODUÇÃO

Jesus estava constantemente em oração, vemos isso antes de todos os grandes marcos da Sua vida.

1. Batismo (Luc. 3:21).
2. Tentações no deserto (Luc. 4:1-3).
3. Escolha dos Doze (Luc. 6:12 e 13).
4. Transfiguração (Luc. 9:28-36).
5. Batalha no Getsêmani (Luc. 22:36-46).
6. Ressurreição de Lázaro (Joa. 11).
7. Na cruz (Luc. 23:46).

Texto para estudo: Lucas 11:9 e 10.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

Ninguém faz hoje o que Jesus fez, porque ninguém ora como Ele orou, e Ele ensinou que:

1. A oração deve ser uma PRIORIDADE na nossa caminhada cristã (Luc. 6:12).
2. Deve haver um tempo e um lugar dedicados à oração (Mat. 14:23; Luc. 9:28). Sem planejamento, sobrarão apenas os restos do nosso tempo para o hábito de orar.

3. Orar não cansa, fortalece (Mat. 6:12).
4. Devemos interceder mais e pedir menos (Luc. 22: 31 e 32). Embora pedir por nós mesmos seja algo legítimo, esse não deve ser o foco das nossas orações.
5. Deus nem sempre responde sim (Mat. 26:39). Se déssemos indiscriminadamente tudo o que os nossos filhos nos pedem, é possível que nem sequer estivessem vivos.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Um menino entrou em casa a correr e pediu:

– Papá, dá-me uma faca.

O pai, preocupado com a natureza do pedido, respondeu:

– Não, filhinho, não posso dar-te uma faca, é muito perigoso. Podes magoar-te com ela.

– Mas, papá, eu preciso de uma faca.

– Afinal, o que queres fazer com ela? – perguntou o pai.

– Eu quero descascar uma laranja – respondeu.

– Então esse é o teu problema? Onde está a laranja?

– Está aqui – disse o menino.

O pai pegou na laranja, descascou-a e entregou-a ao menino.

Com a laranja descascada nas mãos, o menino saiu feliz e satisfeito, muito embora o seu pedido por uma faca tivesse sido rejeitado. Aquele pai não atendeu à vontade inicial do filho, mas solucionou o problema.

III. APLICANDO O TEXTO

“... pretender que a oração será sempre respondida, conforme a coisa especial que pedimos e da maneira exata como desejamos, é presunção. Deus é demasiado sábio para errar e demasiado bom para reter qualquer coisa boa aos que andam retamente. Portanto, não temas confiar n’Ele, ainda que não vejas a resposta imediata às tuas orações” (CE, p. 100, ed. P. SerVir).

Discuta em grupo: Deus sabe tudo do que necessitamos, então porque orar pelos outros?

Discuta em grupo: Machado de Assis disse:

“A oração é como a escada de Jacob; por ela sobem as nossas petições e por ela descem as divinas consolações.”

QUEBRA-GELO

“De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos.” (Lucas 11:1.)

INTRODUÇÃO

Uma menina, preocupada sobre a correta maneira de orar e sobre as coisas que deveria mencionar na oração, fez a seguinte pergunta ao seu pai: “Papá, acreditas que nós devemos orar a Deus até mesmo sobre as coisas mais pequeninas da vida?”

E ele respondeu: “Filhinha, e por acaso existe alguma coisa grande para Deus?”

Texto para estudo: Lucas 11:1.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

O Pai Nosso é específico e, definitivamente, a oração do discípulo. Para o dizer de outra maneira, somente se pode orar o Pai Nosso quando aquele que ora, usando as suas palavras, sabe o significado do que está a dizer, e ninguém pode sabê-lo a menos que tenha ingressado no discipulado cristão. Essa oração é dividida em duas partes:

1. Três pedidos relacionados com Deus:

- (a) O Seu nome seja reconhecido e respeitado pelos homens.
- (b) O Seu Reino seja estabelecido na Terra.
- (c) A Sua vontade prevaleça.

2. Quatro pedidos relacionados com a vida quotidiana:

- (a) Supra as nossas necessidades.
- (b) Perdoe os nossos pecados e nos ajude a perdoar.
- (c) Não permita que a tentação nos vença e cometamos pecado.
- (d) Livre-nos do mal e do maligno.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Jesus chamou Pai a Deus mais de 200 vezes. Nas Suas primeiras palavras registadas, Jesus elucidou: “Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (Luc. 2:49, ARA.) Na Sua última e triunfante oração, Ele proclamou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Luc. 23:46).

Que tipo de Pai é Deus?

Pai Celeste (Mat. 6:14) – Onnipotente.

Pai que vê em secreto (Mat. 6:6) – Omnipresente.

Pai que sabe todas as nossas necessidades (Mat. 6:32) – Omnisciente.

Que tipo de irmãos somos?

Esaú e Jacob?

Caim e Abel?

André e Pedro? Irmão que busca o irmão. Que vai atrás.

III. APLICANDO O TEXTO

Uma menina perguntou à sua mãe: “Mãe, porque é que, ao invés de pedirmos o pão de cada dia, não pedimos o pão para a semana inteira?” A mãe respondeu: “Minha filha, Deus não gosta de dar pão velho aos Seus filhos.”

Discuta em grupo: “Porque são os filhos e as filhas de Deus tão relutantes em orar, quando a oração é a chave na mão da fé para abrir o armazém do Céu, onde estão entesourados os ilimitados recursos da Onnipotência? [...] Deus está pronto e disposto a ouvir a oração sincera do mais humilde dos Seus filhos; contudo, manifesta-se demasiada relutância da nossa parte em tornar conhecidas as nossas necessidades a Deus” (Ellen G. White, *CE*, p. 98, ed. P. SerVir).

Para pensar: Como está a sua vida de oração? A oração era a fonte da força de Cristo para lutar contra todos os obstáculos que Satanás colocava no Seu caminho.

QUEBRA-GELO

“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.” (Lucas 19:10.)

INTRODUÇÃO

“Perdido” é a palavra que descreve a tragédia de todos, porque “todos pecaram” (Rom. 3:23).

De Génesis a Apocalipse, a Bíblia é a história de Deus à procura da Humanidade perdida.

Lucas 15 é o capítulo conhecido como o “Evangelho dentro do Evangelho”. Jesus conta três parábolas que enfatizam:

1. A tragédia da perda.
2. A diligência da busca.
3. A alegria do encontro.

Os bens perdidos não foram esquecidos e não perderam o seu valor, o que é indicado pela busca. No caso da ovelha, a proporção é uma em cem; no caso da moeda perdida, uma em dez; e, no caso do filho perdido, um em dois.

Texto para estudo: Lucas 19:10.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

Todas as religiões retratam o ser humano em busca de Deus; o Cristianismo apresenta Deus como Aquele que busca: Adão, “onde estás?” (Gén. 3:9); Caim, “Onde está Abel, teu irmão?” (Gén. 4:9); “Que fazes aqui, Elias?” (I Reis 19:9); “Zaqueu, desce depressa” (Luc. 19:5).

[...] Cristo ensina que a salvação não é alcançada por procurarmos Deus, mas porque Deus nos procura” (Ellen G. White, *PJ*, p. 122, ed. P. SerVir).

II. INTERPRETANDO O TEXTO

A parábola do filho pródigo é a mais longa, mais conhecida, mais amada e mais citada das parábolas de Jesus. O filho pediu antecipadamente a sua parte da herança, o que, no mundo de então, equivalia a desejar a morte do progenitor, e foi para uma terra distante, um lugar longe da casa do pai. Tudo ia bem até que veio a fome, não foi só fome de comida, foi fome de alma, era o vazio interior, o sentimento de culpa. O jovem que queria ser livre agora era escravo. O sonho de felicidade terminou numa pocilga de porcos. O pai passou uma vida a juntar; ele alguns dias para desperdiçar. Entretanto, um dia, ele caiu em si. Isso significa que, quando abandonou o pai, o jovem estava “fora de si”. Todo o abandono de Deus é uma forma de insanidade. Está fora de si todo aquele que busca ser feliz longe de Deus, nos Seus pobres substitutos. Essa busca é uma forma de demência, pois o “país distante” será sempre “terra estranha”. Note, a sua decisão não é voltar à sua vila ou mesmo ao antigo lar, mas voltar para o seu pai. Não há lugar mais difícil para o qual regressar do que aquele onde falhámos. Os lugares dos nossos fracassos são lugares cruéis. Voltar seria obrigar-se a deparar-se com a própria vergonha. Seria voltar com o cheiro dos porcos, com os trapos do seu fracasso. Mas ele está certo de que o seu pai o receberá. Saiu como um príncipe e voltou como um mendigo.

Isto é: faz de mim o que tu quiseres, mas deixa-me estar diante dos teus olhos vigilantes, dentro do cuidado do teu amor. O pai esperava-o. A espera, a vigília, a dor e a esperança do pai começaram no momento em que o pródigo pôs os pés fora de casa e terminaram quando o pai o viu “ainda longe”, e então, “compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou” (v. 20). Nenhuma outra imagem captura o caráter de Deus como aquela de um pai expectante. Se sair de casa foi a morte, o regresso foi uma ressurreição. O amor tem bons olhos. O pai discerniu o seu filho ao longe. Para entender a história, devemos lembrar-nos de que, no Oriente, um homem idoso, respeitado, não deveria correr publicamente. Tal ato era considerado inapropriado

e indigno. Mas este pai, tomado de compaixão, desconsiderou todos os protocolos e etiquetas da sua cultura. Correu ao encontro do seu filho. Aqui encontramos o elemento redentor da história. Correndo, lançou-se ao pescoço do filho, “beijou-o ternamente”, ou “muitas vezes”. Os dois significados são possíveis. O pai queria ter a certeza de que seria o primeiro na vila a encontrar-se com o seu filho, para protegê-lo de críticas ou de atitudes hostis e julgadoras. O pai não queria correr o risco de que o seu filho fosse desencorajado pela zombaria ou pelo desdém de outros, e acabasse por desistir.

O gesto do pai deixou os observadores da vila atónitos. Ele lançou-se ao pescoço daquele estranho, vestido com trapos e cobriu-o de beijos. O pai segurou o rapaz e apertou-o contra o peito, impedindo que ele caísse de joelhos, posição de subserviência. Ele nem mesmo permitiu que o filho completasse o discurso que tinha ensaiado. A confissão do filho que regressa é sufocada por bondade infinita.

Surpreendentemente, o pai não pronunciou nenhuma palavra ao filho. Mas as ações diziam tudo. Ordenou que os servos trouxessem a melhor veste, roupa festiva, usada em grandes ocasiões. Colocou-lhe nas mãos um anel. Não apenas como ornamento, mas um anel-sinete, símbolo de autoridade. Colocou-lhe sandálias nos pés, porque apenas os servos andavam descalços. O que este pai está a dizer é que todas as marcas do país distante deveriam ser apagadas. Tudo perdoado. Tudo esquecido.

III. APLICANDO O TEXTO

Na terra distante, ele conheceu a miséria; na casa do pai, misericórdia. Se o rapaz tivesse sido tratado de acordo com a lei, haveria um funeral, não um banquete.

Discuta em grupo: O filho mais novo, o “mau caráter” da narrativa, entra na festa do seu pai, enquanto o “bom”, o “santo”, não sabemos o seu fim.

Para pensar: A parábola termina repentinamente. Ficamos sem saber se o filho foi convencido pelo pai ou se permaneceu do lado de fora. A resposta devia ser dada pela audiência de Cristo. Nós também fazemos parte dessa audiência. E, então, podemos perguntar-nos: qual será a minha resposta ao escandaloso amor do Pai celestial? Que resposta eu darei diante da incrível missão de Jesus? Será ela bem-sucedida na minha vida?

QUEBRA-GELO

“E eis que certo homem, intérprete da Lei, se levantou com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Lucas 10:25.)

INTRODUÇÃO

“Mestre” foi o título mais usado para as pessoas se dirigirem a Jesus, e os que O ouviam ficavam maravilhados, porque Ele ensinava, “... como quem tem autoridade...” (Mat. 7:29.)

A autoridade de qualquer discurso está relacionada não apenas com a capacidade e com o conhecimento, mas principalmente com o caráter do orador. Geralmente, a autoridade está relacionada com a coerência entre prática e discurso, e, para estabelecer autoridade, é preciso: honestidade, confiança, responsabilidade, respeito e justiça. “Ele era aquilo que ensinava. As Suas palavras eram a expressão não somente da experiência da Sua própria vida, mas do Seu caráter. Não somente ensinava Ele a verdade, mas era a verdade. Era isto que Lhe dava poder aos ensinamentos” (Ellen G. White, *Ed*, pp. 78 e 79). Ele falou de batismo, e foi batizado; falou de oração e orava; se a questão era pregar o Evangelho, Ele veio a este mundo pregar o Evangelho; deu o exemplo de tudo o que espera que façamos. A autoridade do ensino de Jesus não estava fundamentada apenas na Sua vida coerente. Ele era mais do que um exemplo moral a ser seguido: Jesus era Deus incarnado e, por isso, Ele tem autoridade sobre a Natureza (Luc. 8:22-25), sobre os demônios (Luc. 4:34-37) e sobre os anjos de Deus (Luc. 12:8), e ainda possui autoridade divina para perdoar pecados (Luc. 4:24-26). Quem tem autoridade influencia; quem tem o poder coage. Quem tem autoridade permite que os outros cresçam à sua volta; quem tem poder destrói todos os possíveis concorrentes.

Texto para estudo: Lucas 10:25.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

Para responder ao intérprete da Lei, Jesus contou uma parábola descrita apenas por Lucas, e que se tornou num exemplo do caráter amoroso de Deus para todos os tempos, inspirando grandes artistas nas suas poesias, canções, pinturas, esculturas, etc.. O que torna esta parábola tão poderosa? O cenário da parábola do Bom Samaritano é o caminho entre Jerusalém e Jericó. Um homem, viajando por esse caminho, veio a ser intersetado por bandidos que, depois de o roubarem, ainda o deixaram gravemente ferido. Três personagens são inseridos por Jesus na história: Um Sacerdote, um Levita e um Samaritano. O detalhe da história é que o Sacerdote e o Levita (supostos religiosos) não se sensibilizaram com o estado do homem que tinha acabado de ser assaltado e agredido, mas o Samaritano fez de tudo para o salvar.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

Na parábola, vemos três grupos de pessoas:

1. Assaltantes

A sua atitude foi a cobiça e a sua filosofia de vida pode ser expressa assim: “O que é meu é meu; e o que é teu, será meu, se eu conseguir tirar-te isso”.

2. Religiosos (Sacerdote e Levita)

A sua atitude diante do infortúnio alheio foi de indiferença. A sua filosofia resume-se deste modo: “O que é meu é meu; e o que é teu continuará a ser teu, se o puderes defender”.

3. Samaritano

A força motivadora da sua vida é o amor, amor este que procede de Deus (I João 4:7). Quem o manifesta claramente evidencia que está convertido (I Joa. 3:14; 4:7). Tal amor cumpre a lei (Rom. 13:8-10; Gál. 5:14). A sua filosofia é descrita assim: “O que é teu é teu; e o que é meu será teu, se tu precisares”.

III. APLICANDO O TEXTO

Quem é o meu próximo? Foi a pergunta feita pelo Doutor da Lei. A parábola apresenta um conceito dinâmico de “próximo”. Ele é visto da perspectiva de quem ajuda e não de quem deve ser ajudado. Ao perguntar qual dos três tinha agido como o próximo do homem em necessidade (Luc. 10:36), Jesus inverteu a lógica do intérprete da Lei. Ele não devia preocupar-se em saber quem era o seu próximo; devia antes buscar ser o próximo. Nós tornamo-nos no próximo quando vamos à Humanidade sofredora, e, sem olhar a quem, prestamos o nosso auxílio com amor desinteressado.

Discuta em grupo: Na Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá, sobre a porta de entrada de uma capela está escrito: “Aqui entramos para amar Deus.” Do lado de dentro, há outra inscrição que diz: “Daqui saímos para amar o próximo.”

Para pensar: Quer identificar melhor o próximo? Aproxime-se das pessoas. A verdadeira religião, segundo Jesus, “consiste, não em sistemas, credos ou ritos, mas no cumprimento de atos de amor, no proporcionar aos outros o maior bem, na genuína bondade” (Ellen G. White, *DTN*, p. 423, ed. P. SerVir).

QUEBRA-GELO

“Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsémani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar.” (Mateus 26:36.)

INTRODUÇÃO

Getsémani quer dizer “prensa de azeite”, onde faziam azeite.

A azeitona passa por um processo de trituração e moagem para ser feito o azeite, e o azeite era, e ainda é, usado para diversos fins:

1. Alimento – Jesus é o pão da vida (Joa. 6:35).
2. Iluminação – Jesus é a luz do mundo (Joa. 8:12).
3. Remédio – Jesus é a nossa cura. Pelas Suas feridas fomos sarados (Isa. 53:4 e 5).
4. Sabão – Jesus é o que nos limpa e purifica de todo o pecado (I Joa. 1:7; Apoc. 7:13 e 14).

Texto para estudo: Mateus 26:36.

DISCUSSÃO

I. CONHECENDO O TEXTO

Getsémani vs Éden:

No Éden, o mundo foi mergulhado no pecado.

No Getsémani, foi assegurada a vitória sobre o pecado.

No Éden, vimos o eu a colocar-se contra Deus.

No Getsémani, vimos Deus a colocar-Se a favor do Homem.

No Éden, o primeiro Adão renunciou à vontade de Deus, para fazer a sua vontade.

No Getsémani, o segundo Adão renunciou à Sua vontade, para fazer a vontade de Deus.

Adão foi derrotado na luz do Éden.

Jesus foi vitorioso na escuridão do Getsémani.

II. INTERPRETANDO O TEXTO

“... seu suor se tornou como gotas de sangue...” (Luc. 22:44.)

O único evangelista que relata o facto é um médico, Lucas. E fá-lo com a precisão de um clínico. O suor sangue, ou “hematidrose”, é um fenómeno raríssimo. É produzido em condições excepcionais: para provocá-lo é necessária fraqueza física, acompanhada de abatimento moral violento causado por uma profunda emoção, por um grande medo. Tal tensão extrema produz o rompimento das finíssimas veias capilares que estão sob as glândulas sudoríparas.

“Passe de mim este cálice; contudo não se faça a minha vontade, mas sim a tua” (Luc. 22:42). Toda a oração é respondida por um “sim”, “não” ou “espera”. Onde a vontade de Deus é reconhecida como suprema, “todas as coisas cooperam para o bem” (Rom. 8:28).

III. APLICANDO O TEXTO

No Calvário estava retratada toda a história da Humanidade:

1. Numa cruz, um ladrão morria NO pecado. Representando todos os que rejeitam o convite de Jesus. (Um documento antigo chamado *Atos de Pôncio Pilatos* chama-lhe Gestas.)
2. Noutra cruz, um ladrão morria PARA o pecado. Representando todos os que aceitam Jesus. (O mesmo documento antigo apelida-o de Dimas, esse é o da direita.)
3. Na cruz central, um Deus-homem morria PELO pecado. O nosso Salvador.

Discuta em grupo: Só nos primeiros capítulos de Atos há pelo menos oito referências à ressurreição de Jesus: Atos 1:22; 2:14-36; 3:14 e 15; 4:1 e 2, 10, 12, 33; 5:30-32.

Jesus deu quatro sinais para assegurar aos discípulos a Sua condição pós-ressurreição:

1. Visual (Maria Madalena, Mat. 28).
2. Auditivo (Discípulos de Emaús, Luc. 24).
3. Tátil (Tomé, Joa. 20).
4. Sensitivo (No mar da Galileia, Joa. 21).

“Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (I Cor. 15:14).
A ressurreição de Cristo é a sentença de morte da morte.

Para pensar: A verdade mais sublime do mundo é que Jesus veio a este mundo, sofreu e morreu pelos nossos pecados e ressurgiu, ao terceiro dia, vitorioso sobre o pecado, e Ele oferece essa vitória, juntamente com um lugar no Seu Reino, a todos os que O aceitarem pela fé.

NOTAS

NOTAS

NOTAS

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

NOTAS